

REDES DE AÇÕES EDUCATIVAS NÃO-FORMAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA¹

Antonio Carlos Pinheiro²
Universidade Federal de São Paulo - Brasil

Introdução

O presente trabalho teve por finalidade analisar as relações existentes entre a educação não-formal e os movimentos sociais, em especial um estudo de caso, tendo como objeto o Cursinho Comunitário Pimentas, localizado no bairro dos Pimentas na cidade de Guarulhos – SP. O Cursinho é uma instituição de educação não-formal que tem por objetivo preparar jovens e adultos para concorrer a uma vaga na universidade. Este concurso é tradicionalmente chamado no Brasil de vestibular. Os jovens que participam do projeto, na sua maioria, vivem no bairro. A localidade é caracterizada por moradia de baixo padrão e de risco social, marcadas pela exclusão. Embora o projeto tenha um objetivo pontual, acaba influenciando seu entorno, contribuindo para desenvolver vínculos sociais e redes de solidariedade entre os participantes.

Este estudo está integrado as Práticas Pedagógicas Programadas (PPP) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo. O Curso de Pedagogia da Unifesp tem como princípio para a formação do profissional da educação, uma formação abrangente, envolvendo a docência, a gestão dos processos educativos em ambientes escolares e não-escolares, além da disseminação dos conhecimentos da área da educação para vários setores da sociedade. Visa formar um profissional apto para atuar na sociedade considerando a docência na Educação Infantil, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, nas modalidades não-formais; na gestão, busca formar para a administração das escolas, a supervisão do ensino, e atuação no campo das políticas para a educação.

A PPP é uma Unidade Curricular do Curso de Pedagogia, organizada como um programa de preceptorado, que tem por finalidade, proporcionar espaço para aprendizagem prática dos pedagogos em formação, levando para o interior da universidade a realidade educacional na sua complexidade, nas escalas local, regional, nacional e global. Esta PPP é continuidade do projeto “Comunidade de Aprendizagem: Estudo do Meio no bairro dos Pimentas”, iniciado no primeiro semestre de 2007. Em 2008 o projeto foi redefinido e denominado de “Redes de ações educativas não-formais do bairro dos Pimentas: o caso do Cursinho Comunitário Pimentas”. Parte deste projeto foi apresentado no formato de Oficina no XV Encontro Nacional de Geógrafos, realizado na cidade de São Paulo de 20 a 26 de julho de 2008.

Guarulhos é atualmente a segunda maior cidade do estado de São Paulo, deixando para trás apenas a capital. No censo de 2000, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou 1.072.717 habitantes. Segundo projeção da Fundação SEADE, em 2005, Guarulhos tinha 1.132.651 habitantes, ocupando a 11ª posição no *ranking* nacional. No plano econômico, estava em 9º lugar no país, considerando o Produto Interno Bruto – PIB, (IBGE, 2004). A prefeitura de Guarulhos,

¹ Educación y enseñanza de la geografía

² Professor de Fundamentos Teórico-práticos para o Ensino da Geografia – Curso de Pedagogia – Campus Guarulhos/Unifesp.

para fins administrativos, territorializa a cidade em grandes bairros e o bairro dos Pimentas é uma das regiões administrativas do município. O bairro dos Pimentas é hoje, o mais populoso de Guarulhos, no censo de 2000, o IBGE registrou um total de 132.45 habitantes, concentrando 12,35% do total do município. Nos últimos anos o bairro tem recebido melhorias, tanto nas suas imediações, quanto internamente, porém nos mapas de inclusão/exclusão social, apresenta índices preocupantes.

A pesquisa iniciada em 2007 teve como foco as ações educativas não-formais existentes no bairro dos Pimentas. O percurso do trabalho tinha como objetivo conhecer estas ações e o contexto do bairro, por isso o Estudo do Meio. Em 2008 a equipe optou pela verticalização de uma ação educativa que tivesse relação mais orgânica com o lugar e aproximasse dos movimentos sociais do bairro. Depois de várias discussões foi escolhido o Cursinho Comunitário Pimentas, que tem como foco principal preparar jovens para o concurso vestibular.

Neste projeto a categoria de “educação não-formal” foi mantida, porém articulada aos movimentos sociais na educação. A educação não-formal representa todas as ações educativas realizadas fora do sistema escolar, a qual podemos também denominar de educação não-escolar, em suma, todas as formas não institucionalizadas, sem uma hierarquia estruturada e que não precise, necessariamente de uma cronologia gradual na aprendizagem (SIMSON, BRANDINI e PARK, 2001). A modalidade não-escolar, embora fora dos parâmetros do sistema formal de ensino, também são organizadas e sistematizadas. As ações não-formais ocorrem em espaços diversos, como na associação de bairro, nos movimentos sociais, nas igrejas, centros de saúde, hospitais, nos sindicatos, nas Organizações Não-Governamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas.

Para realização do estudo o grupo fez diversas visitas, coletas de dados, entrevistas, filmagens e registros fotográficos. Como produto do trabalho, produziu-se um Relatório e um Documentário. As entrevistas foram gravadas em vídeo e transcritas pelos membros da equipe. A análise não identifica as falas, porém foram numeradas numa ordem aleatória. Para complementar as análises, também fizemos um questionário com questões para organizar a gênese do Cursinho. As análises expressam a visão da equipe, produto de negociações envolvendo concordâncias e discordâncias. Pela riqueza das entrevistas, sabemos que não exploramos todo o material, porém buscamos exercitar algumas reflexões a partir das discussões. Nosso trabalho não é a verdade, apenas representa um momento na formação do grupo.

Educação geográfica e Educação não-formal

Com a aceleração do tempo, o espaço se organiza/re-organiza com maior dinamismo, o fluxo de idéias e de objetos, impõem outras percepções e comportamentos, instigando as pessoas a codificar/decodificar o mundo, refazendo-se constantemente. Segundo Cavalcanti (2006), com o advento das tecnologias da comunicação e da informação, os acontecimentos cotidianos são influenciados por fatos que vão além do seu entorno imediato. Assim, a autora considera que hoje é importante que as pessoas, olhem ao mesmo tempo para “um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local” (CAVALCANTI, 2006, p. 32).

Os movimentos sociais com base local, nestas últimas décadas, diversificaram suas reivindicações, ampliando os direitos básicos. Para além do direito a educação escolar formal, outras perspectivas emergiram e tornaram-se bandeiras entre vários

setores da sociedade. Direito a moradia, a informação, ao ambiente saudável, ao acesso ao acervo cultural da humanidade, ao respeito às manifestações culturais locais e tradicionais e, com significava expressão, a equidade social, independente de cor, raça, gênero e desejo sexual, ocupam as manifestações nos espaços da cidade e do campo, na busca da afirmação da identidade e da construção da cidadania.

Atualmente a educação é considerada um direito de todos e um bem inalienável. Muitas pessoas buscam de alguma forma, integrar-se à escola ou participar de algum programa educativo. No campo da educação, existem várias ações que extrapolam os limites da escola, as quais denominam práticas educativas não-formais ou não-escolares.

A articulação da escola com o seu território de abrangência tem sido o ideário de muitos educadores. Muitas iniciativas deste tipo acabaram por constituir ações educativas fora do espaço escolar. Movimentos de alfabetização de jovens e adultos, de conscientização ambiental, artísticos e culturais, de qualificação profissional, promovem com rapidez na comunidade local, novas práticas sociais. Estas ações, denominadas de não-formais, conseguem pela sua natureza e permeabilidade, maior aproximação da população com seu lugar de vivência, sedimentando como uma alternativa complementar à escola formal em todos os seus níveis, outras modalidades de ensino.

No projeto em ação na Unifesp, além de outros questionamentos, indagamos: quais as relações entre a Educação não-formal e a Educação Geográfica? Segundo Gohn (2007, p.13) o principal objetivo da educação não-formal é a

“... formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo a sua volta e ler criticamente a informação que recebem”.

Com base nesta consideração, traçamos um paralelo com a Geografia, sobretudo por abordar, entre seus conceitos, a importância do conhecimento do lugar como base para a construção da identidade e do sentido de pertencimento. Assim como Gohn (2007), acreditamos ser fundamental para o êxito das ações educativas não-formais, conhecer a cultura local, a cultura do outro, as características exclusivas do grupo que vive em um determinado espaço, de modo a auxiliar no conhecimento do mundo, na construção da identidade e da cidadania.

A Geografia, na sua trajetória escolar, sempre cumpriu um papel importante na formação das pessoas. Com as propostas atuais, produtos de inúmeras pesquisas no campo do ensino nestes últimos anos, os conhecimentos geográficos podem contribuir para outras modalidades de aprendizagens para além dos espaços escolares. Neste aspecto, a educação geográfica, aliada a educação não-formal pode compor projetos que visem à construção da identidade local e a formação da cidadania, como defende Callai (2000). Para a escola formal, ambas as modalidades podem atuar como complementar, pois nenhuma modalidade pode substituir a outra, ambas tem seu papel na formação dos indivíduos.

No campo das ações não-formais, exercidas no interior de diversas organizações, é comum a valorização do fazer cotidiano como referencial, assim como Gohn (2007) entendemos que a prática em si, gera aprendizados e saberes, mas não pode ser apenas auto-referenciadas, necessita de conteúdos e formas de desenvolvimento teórico específicos, os quais, tratando-se do estudo do espaço, a Geografia tem muito a contribuir para que estas ações tenham maior êxito.

Cursinho Comunitário Pimentas – breve histórico

Os primeiros cursos superiores no Brasil foram criados pelos jesuítas sendo que as universidades com tradição datam do período da República Velha, como a Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, adequando-se ao perfil da elite que assumiu o poder após a revolução de 1930. Após o golpe militar de 1964 foi adotado um caráter mais liberal em relação às universidades devido à modernização. Para Castro (2005), a concepção de universidade estabelecida no Brasil nesta época oferece mais a formação voltada à qualificação profissional do que a resolução de problemas sociais. (Castro, 2005).

Nos anos 60, a Reforma Universitária, realizada no país, estabeleceu efetivamente o caráter “eliminatório” do concurso vestibular junto com o método “classificatório” já existente anteriormente. Este modelo permitiu que o setor privado entrasse no mercado da Educação Superior, atendendo a uma demanda pública de vagas fazendo da educação um negócio lucrativo. No final da década de 90, quando houve ampliação das matrículas no Ensino Médio, houve mais cobrança por mais vagas no Ensino Superior público, foram criados os Centros Universitários, sendo que sua maioria pertencente à iniciativa privada, alimentando a fantasia da melhoria de vida da população por meio de um diploma de curso superior.

Na década de 1990, surgem às reivindicações das entidades de representação docente e estudantil exigindo mais vagas nas universidades públicas. Entre eles destacam-se o “Fórum dos Cursinhos Alternativos de São Paulo” e o “Movimento dos Sem Universidade”. (Castro, 2005) Esse último assumiu a luta pela construção da Universidade Popular do Município de São Paulo. Essas novas lutas figuram também a questão das cotas raciais e para estudantes de escola pública.

Os cursinhos alternativos e populares no Brasil têm sua gênese na década de 1970, surgiu inicialmente como luta para o acesso ao ensino superior entre as camadas menos favorecidas da sociedade. Segundo Castro (2005) os cursinhos populares passam a se organizar nos meados da década de 1980 na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Nasceu articulado ao Movimento Negro e aos setores da Igreja Católica. A organização mais significativa deste movimento foi a EDUCAFRO³.

O Cursinho Comunitário Pimentas existe à sete anos, foi idealizado e implantado pelo professor da rede pública de ensino, Rômulo Ornelas, que queria oferecer aos jovens do bairro uma oportunidade de continuar os estudos. Em um bairro carente de políticas públicas sociais e educativas, como muitos neste país, os jovens ficavam sem perspectivas após terminarem o Ensino Médio, por que na maioria destes jovens está enraizada a idéia de que universidade é para aqueles provenientes das classes mais abastadas. Com esse projeto buscou-se mostrar aos jovens que é possível fazer um curso superior e, não apenas isso, que a Universidade pública é um direito de todos. Segundo o Entrevistado 1,

...é direito do aluno é ir para Universidade pública. Precisamos inserir mais pessoas carentes lá dentro. Atualmente temos mais de

³ Castro (2005, 49) informa que a EDUCAFRO estão entre as mais bem sucedidas experiências de Cursinhos Populares do Brasil, “atualmente prepara para o vestibular cerca de 5000 (cinco mil) estudantes negros que, sem o curso, teriam dificuldades financeiras para continuar os estudos. A entidade conta com 184 núcleos, presentes em toda a periferia da cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior, e mantém intenso diálogo com diversos setores de atuação, como Direitos Humanos, Moradia, Reforma Agrária, entre outros.”

cinquenta alunos (que fizeram o cursinho) na Unesp, na Unifesp de Guarulhos, tem doze se não me engano, a maior quantidade de alunos da região dos Pimentas que estão na Unifesp passou por aqui.

Conforme consta nas entrevistas, o Cursinho tem como foco primordial a preparação de jovens e adultos para os vestibulares das Universidades públicas, embora também incentivem, em menor grau, a entrada em algumas instituições privadas, sobretudo por meio do PROUNI⁴, que apesar das críticas, reconhecem que o programa é uma alternativa para aqueles que querem estudar e não tem acesso na Universidade pública, como demonstra um entrevistado,

A gente tem uma visão bastante crítica com o programa. Para o nosso ideal o Estado deve prover a Universidade pública. Ensino superior pra todo mundo, é um direito universal. Só que o PROUNI é um programa interessante, a gente também vê o outro lado, porque possibilitou o acesso à universidade pra meio milhão de pessoas, que de outra forma não teriam acesso. (Entrevistado 2).

Atualmente o cursinho não tem vínculo com nenhuma instituição. Utiliza o espaço físico da Prefeitura Municipal de Guarulhos (PMG), situado no Conjunto Marcos Freire, na Rua do Poente, número 148, no bairro dos Pimentas. O cursinho funciona todos os sábados e domingos, das 8.00 às 17.00 horas e durante a semana existem reuniões para estudos e exibição de filmes. Os alunos tomam café da manhã e almoçam no local. Os recursos são provenientes de doações dos alunos, da comunidade e de apoio da PMG que além de oferecer o local para as atividades, contribui com alimentos. O cursinho participa do programa de distribuição de alimentos destinados às instituições sociais da PMG.

Outra característica do Cursinho é o voluntariado, que são representados por moradores do bairro, alunos e ex-alunos, os quais se destacam no projeto, como afirma abaixo um entrevistado:

Têm alguns que estão aqui desde 2002, entraram na universidade e estão ajudando e não pararam com o vínculo, outros passam na universidade e vem dar aulas, outros vêm uma vez por mês pra ajudar, mas existem outros que são constantes e não param. (Entrevistado 2).

O processo de ensino aprendizagem, por assim dizer, ocorre por meio de “aulas” ministradas por voluntários, participantes do projeto, também, por meio de grupos de estudo. Durante seu tempo de existência, o Cursinho já conseguiu colocar, nas palavras dos entrevistados, várias pessoas nas universidades públicas. Uma parte dessas pessoas volta ao cursinho como voluntário, criando um círculo de solidariedade,

⁴ PROUNI - Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/PROUNI/Oprograma.shtm>.

...o objetivo principal é poder ajudar quem me ajudou, Eu acho que tenho que retribuir o quanto fui ajudado no ano passado. (Entrevistado 3).

Formalmente não existe pagamento pelos alunos, mas uma colaboração voluntária de aproximadamente R\$ 15,00 por mês para gastos diversos, sendo esta contribuição substituída por materiais recicláveis. O Cursinho promove um projeto de coleta seletiva de garrafas “pets” e outros materiais. Segundo seus idealizadores, além do projeto conscientizar os alunos e a comunidade a respeito do problema ambiental, fornece mais recursos para o projeto. O dinheiro arrecadado com a venda é usado para auxiliar também os alunos que após passar em universidades fora de Guarulhos e não tem como se manter, são ajudados até que estes consigam algum tipo de bolsa fornecida pela instituição de ensino, como descreve um entrevistado:

...no campo da reciclagem ambiental, é um trabalho interessante pelos seguintes fatores: o primeiro fator é secundário, a questão financeira, por que esse dinheiro vai para o fundo que ajuda o universitário ir para interior e não vai pagar taxas de vestibulares e outro fator é a conscientização ambiental, você trabalha com a questão do meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável da região. (Entrevistado 2).

Os alunos levam quinzenalmente para o cursinho, com a colaboração da comunidade, estes materiais, parece que esta é uma das regras para a contribuição e parte dos princípios do projeto, o aluno precisa colaborar, contribuir, ser parte do coletivo:

Não se considera falta o aluno que não colabora trazendo os recicláveis, porém se esse aluno não está contribuindo, não está assimilando os princípios do projeto, então o ano que vem não tem como continuar, vai dar a vaga para outra pessoa. (Entrevistado 3).

Contudo, em princípio o mais importante é a participação e frequência nas aulas. O Cursinho tem um impacto no bairro destacando-se na comunidade como um projeto inovador e de inclusão para os jovens e adultos do bairro dos Pimentas.

O Cursinho Comunitário Pimentas como ação educativa não-formal e como movimento social

Na visão de Gohn (2007a), no Brasil, a educação não-formal apresenta uma estreita relação com os movimentos sociais. Essa relação está focada no aspecto político, isto é, do caráter educativo da organização política da coletividade. Boneti (apud Jezine e Almeida, 2007, 56) conceitua movimento social como: “uma manifestação coletiva, organizada ou não, de protesto, de reivindicação, de luta armada ou como simples processo educativo, com o objetivo de interferir na ordem social”. Para o autor, esses movimentos surgem de um contexto histórico específico, que de certa forma diferencia sua ação, porém, tem em comum a defesa dos direitos e bens sociais de parte da sociedade que ficam excluídos. Movimento social aqui será entendido como um movimento coletivo em busca de mudanças seja na qualidade de

vida, ou na busca pelos direitos sociais dos indivíduos que deles são relegados, na luta contra o poder hegemônico.

O termo educação não-formal aqui aplicado busca relacionar aos propósitos explicitados pelas entrevistas obtidas dos participantes do Cursinho Comunitário Pimentas. De acordo com falas dos entrevistados e em visitas realizadas ao projeto, consideramos que para além de preparar os jovens e adultos para o vestibular, o cursinho constituir-se-ia um movimento social. Gohn (2007b) destaca as várias dimensões da educação não-formal com caráter emancipatório, considera que estas ações apresentam várias dimensões, como a aprendizagem política, de práticas que capacitam os indivíduos com objetivos comunitários, além de proporcionar aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista da compreensão do que se passa ao seu redor.

É comum nos discursos dos entrevistados o destaque para o questionamento contra a ordem estabelecida, contra a pouca oportunidade que os jovens das classes menos favorecidas economicamente, encontram para cursar o Ensino Superior, em especial as Universidades públicas. Nas falas dos entrevistados vários fatores são citados, como: a baixa qualidade de ensino público básico, as dificuldades sócio-econômicas para competir diante de um modelo de seleção para a universidade, como confirma um entrevistado,

O cursinho se constitui como referência nessa região, uma possibilidade de cursar o Ensino Superior, coisa que antigamente não existia, universidade era sinônimo de pagar. Hoje em dia há muita gente que faz universidade! Porque eu não posso fazer? As pessoas saem do Ensino Médio com uma possibilidade que antes não existia. (Entrevistado 2).

Os cursinhos pré-vestibulares comunitários é um meio de luta das classes populares para conseguir passar pelo “obstáculo” do vestibular que é totalmente meritocrático, deixando os alunos da escola pública em desvantagens. Por isso estes cursinhos parecem como “fruto das ações políticas de atores engajados em projetos e mobilizações cujo eixo é a transformação social da realidade por meio do incentivo e da preparação das classes populares para o ingresso no Ensino Superior gratuito” (Castro, 2005. 48).

O trabalho além de centrar nos conteúdos exigidos pelo vestibular visa situá-los na sociedade, discutindo a origem das desigualdades sociais, o porquê de sua manutenção. Para que isso ocorra, é parte integrante da composição do projeto a participação em aulas de cidadania, assim como sua participação em movimentos sociais, passeatas, manifestações políticas, etc. Estas práticas podem ser notadas na fala de um entrevistado, que afirma:

Fazemos um trabalho de conscientização ambiental do processo de reciclagem. Fazemos outro trabalho que é a questão da participação política. Queremos os jovens engajados politicamente através da participação nos movimentos populares e da interferência na vida da cidade. A “gente consegue mudar alguma coisa, consegue fazer alguma interferência.” (Entrevistado 1).

Diante disso entendemos que, mais que um simples cursinho pré-vestibular, podemos caracterizá-lo como um movimento social, é claro que esse conceito é muito

amplo, mas o aplicamos como sendo uma ação coletiva, não institucionalizada, de um grupo com interesses comuns, que em uma dada realidade em um espaço se unem em busca de uma transformação, visando vislumbrar alternativas de mudança reais. Assim, consideramos o Cursinho Comunitário Pimentas como uma ação educativa não-formal, que além de se diferenciar da educação formal ou escolar, também tem características de um movimento social, por seu caráter que busca integrar os indivíduos à sociedade, uma educação para a vida coletiva, na luta por garantia de direitos. E aqui está a principal ligação entre esta educação e os movimentos sociais, veja exemplo na fala de um entrevistado:

...todo sete de setembro (data da independência do Brasil) participamos do “Grito dos Excluídos”, quando os movimentos sociais se encontram para levantar bandeira. Fazemos debates em sala de aula sobre esses temas, nosso objetivo não é apenas fazer com que o aluno entre na universidade e sim fazer com que entre de uma forma crítica, questionando a realidade social, por isso que esse trabalho dá certo, por que todos que entram voltam para ajudar. (Entrevistado 2).

Para Almerindo Afonso, educador português, a educação não-formal surge em decorrência da necessidade de complementação ao ensino formal escolar público, que não conseguiu suprir todas as demandas das quais foi incumbida. Desde sua criação, a escola pública sempre foi idealizada como a redentora de todos os males sociais, segundo o autor:

...enquanto instituição da modernidade, a escola pública foi incumbida da tarefa de ajudar a concretizar o projeto societal impulsionado pelos ideais da Revolução Francesa e da revolução industrial, devendo para isso dar um contributo decisivo para o progresso cultural, científico e técnico, e para a construção de percursos de emancipação pessoal e social que libertassem os indivíduos das amarras da ignorância e do obscurantismo. (Afonso, 2001, 29).

Duzentos anos se passaram e a escola pública não conseguiu cumprir todos os objetivos a ela atribuídos, e nem poderia, continua sobrecarregada, e ainda não se livrou do pesado fardo de transformadora social, tendo que formar cidadãos críticos, reflexivos, salvá-los da ignorância e ainda preparar indivíduos competentes para o mercado de trabalho, etc., tudo isso com os poucos recursos financeiros a ela destinados.

Não pretendemos nesse trabalho defender e nem condenar a escola pública pelas suas dificuldades, contudo levantar alguns problemas que a educação enfrenta na atualidade, tais como: a falta de políticas públicas condizentes com suas reais necessidades e a conservação dos interesses e valores das classes dominantes, etc. Diante dessas considerações, perguntamos: com tantas incertezas, qual é o papel e a função da educação escolar diante dos novos desafios e problemas contemporâneos, decorrentes de um mundo globalizado? São muitas perguntas que ainda não têm respostas, talvez, nem serão respondidas, diante disso, manifestamos que quem mais sente os efeitos da crise da educação escolar, tem sido a população de baixa renda.

Além dos problemas citados anteriormente sobre a escola pública, percebemos na fala dos entrevistados ênfase no papel dos professores como uma das questões

centrais do fracasso no Ensino Médio. É explícito a crítica de um entrevistado sobre os professores da escola pública formal quando foi perguntado por que os mesmos não são convidados para serem voluntários,

A gente não chama professores da escola pública porque não estão preparados para vestibulares, ou seja, se formaram há anos e muitos têm vícios de escola pública ou vícios de escola. Ficam passando aquelas matérias explicando de uma forma distante. Nossos professores do curso têm que ser didático tem que ser dinâmico tem que passar os “macetes” dos vestibulares tem que envolver a pessoa em sua aula, por isso o pessoal que passou na universidade volta pra dar aula, tem uma capacidade muito grande de fazer isso. (Entrevistado 2).

Diante do depoimento acima, confirma-se a existência do Cursinho como uma alternativa para jovens das camadas mais desfavorecidas concorrer com outros, na medida em que o vestibular convencional está centrado na avaliação de conteúdos.

Considerações Finais

Diante do estudo realizado, consideramos que o Cursinho Comunitário Pimentas constitui uma ação educativa não-formal e também apresenta características de um movimento social, pois além de atingir seu objetivo, que é preparar jovens e adultos para ingressar no Ensino Superior, também pretende promover uma transformação na sociedade. Constatou-se que muitos participantes do projeto adquirem um sentimento de pertencimento aos propósitos do Cursinho que é incluir estas pessoas na universidade, melhorando sua condição, de vida, e em alguns casos, até despertar para o questionamento da atual ordem social. Essas pessoas passam a perceber a realidade de exclusão em que estão inseridas. Entre as diversas ações praticadas, destacam-se a discussão voltada para a cidadania, a conscientização ambiental, por meio do programa de reciclagem e a participação nas ações de outros movimentos sociais. Contudo, podemos dizer que esse projeto tem ações afirmativas no bairro dos Pimentas, pois, possibilita aos jovens egressos da escola pública vislumbrar uma vaga na universidade, em especial a pública. Mas para nosso estudo podemos concluir que o cursinho em muito se difere da escola de ensino básico, tendo uma cultura muito particular pelos objetivos e ações que praticam.

Fontes bibliográficas

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da Educação In Educação não-formal – cenários da criação (SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von e outros – orgs). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). In Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTRO. Cloves Alexandre. Cursinhos Alternativos e Populares: Movimento territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior no Brasil. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual paulista – Presidente Prudente. 2005.

CAVALVANTI, Lana de Souza (org.) Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino In Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

Dicionário de Sociologia. http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_a.html. acesso. 31/10/2008.

JEZINE, Edineide e ALMEIDA, Maria de Lourdes P. Educação e Movimentos Sociais. Campinas: Ed. Alínea, 2007.

FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Educação In JEZINE, Edineide e ALMEIDA, Maria de Lourdes P. (orgs). Educação e Movimentos Sociais. Campinas: Ed. Alínea, 2007(a).

Não-fronteiras: universos da educação não-formal. Prefácio Olga Rodrigues de Moraes Von Sinson; texto Maria da Glória Gohn; dados quantitativos Renata Sieiro Fernandes; ilustração Adrés Sandoval , Mariana Zanetti. São Paulo: Itaú Cultural, 2007(b).

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS. Desenvolvimento Econômico de Guarulhos. Guarulhos: PMG, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS. Mapa da exclusão/inclusão social no município de Guarulhos. Guarulhos: PMG, 2003.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von e outros. Educação não-formal – cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.